

9 - Deus e Deusa na Terra Prometida

A expressão “eterno feminino” foi consagrada para fazer referência à importância especial da mulher com sua tônica própria, em todos os momentos e situações do cotidiano e da História.

Na época das grandes navegações e dos Descobrimentos, a Europa encontrava-se na fase intermediária entre o final da Renascença e os começos da Idade Moderna. Era uma época de extensas e profundas transformações nos costumes, que no entanto não tinham repercussão direta na situação do elemento feminino da sociedade. Se houve alguma consequência mais notável em referência às mulheres, foi o fim definitivo da moda da cavalaria andante, marcante em grande parte da Idade Média antes da Renascença que abriu caminho para a modernidade.

Sozinho ou em grupo com seus pares, o cavaleiro andante corria distantes terras envolvendo-se em aventuras para amparar os fracos, desagrar senhores e donzelas, combater injustiças e defender a fé cristã. Geralmente cada cavaleiro escolhia uma dama (preferencialmente da nobreza) para ser sua inspiradora e platonicamente a dona de seu coração, e em cuja homenagem procurava realizar grandes feitos.

Esta forma de exaltação da mulher representava uma compensação para as convenções e tradições que lhe predeterminavam uma posição social e cultural em segundo plano. Implícita e supostamente, homenageá-la compensava sua submissão ao poder masculino.

No começo do Século XV, a maravilhosa figura de Joana d’Arc (1412-1431) demonstrou que a mulher tem um potencial pelo menos igual ao do homem, inclusive na tradicionalmente mais rigorosa exclusividade dele, a guerra. Ela chefou o exército francês na batalha de Orléans, marcando o fim da ocupação inglesa na França. A absurda severidade da punição que lhe foi imposta na fogueira, sob a acusação de hereesia e bruxaria, incorporou o desvario da reação masculina diante de seu feito tão “impróprio” para uma mulher. Ela foi condenada por um tribunal de eclesiásticos franceses (com o apoio da Inquisição) convocados pelo ingleses (dos quais acabara prisioneira) para significar que não se tratava de uma vingança dos derrotados por ela, mas de uma questão religiosa. O presidente da corte foi o arcebispo Cochon (ou Cauchon), a palavra do francês para “porco”, prenunciando a moderna designação do machista antifeminista exacerbado, como sendo um “porco chauvinista”. A canonização de Joana (em 1920) demorou quase cinco séculos, mostrando mais uma vez a dificuldade em se reconhecer seu *status* de grande símbolo da afirmação feminina.

Segundo Henrique José de Souza, o nome *d’Arc* relaciona-se com a origem agartina de Joana: *da Arca* significaria *de* (ou *da*) *Agartha*. A sonoridade da palavra *Agartha* faz alusão à *Arca* (de Noé) como símbolo da salvação – no cataclismo da submersão do continente atlante – para os que se recolheram àquele Reino no interior da Terra. *Joana* (*Jeanne* em francês) estaria no lugar de *jina* (“gênio”), palavra teosófica de origem sânscrita, designativa de seres espiritualmente muito evoluídos.

O escritor teosófico espanhol Mario Roso de Luna, que consagrou o uso da expressão *jina*, aplica esta chave etimológica ao nome do personagem do conto iniciático arábico “As Mil e Uma Noites”, Aladim ou Allah Djin, *Gênio de Allah* (“Espírito de Deus”). Aladim, aliás, liberta o **gênio** da lâmpada, isto é, libera sua própria luz ou força interior. Na linha eubiótica, *jina* é o habitante de Duat superior ou de Agartha. Portanto, na mitologia ocultista, Joana d’Arc pode ser vista como uma emissária do Governo Oculto do Mundo. Um dos sentidos da mensagem de sua vida é a igualdade entre mulheres e homens. O fato de que se vestia de homem (um dos fundamentos da acusação de heresia) reporta-se ao Programa do GOM quando anuncia que a espécie humana caminha para o androginismo ou hermafroditismo mental-espiritual (alusão ao deus Hermes e à deusa Afrodite).

Para tanto é necessária a ascensão do elemento feminino, equilibrando o jogo do poder entre os dois sexos.

A presença de um ser de tão grande significação e potencial tornou a França, naquele momento, uma Terra Sagrada, propiciando a mística e a confiança suficientes para unir e animar os franceses em torno de uma liderança. Joana representou a salvação do reino francês como nação entregue ao invasor e ao fraco postulante à Coroa. Havia fome, desorganização e desunião no país. Pela força das armas sob seu comando, a Donzela de Orléans, inspirada por uma aparição de Nossa Senhora, garantiu a coroação de Carlos VII em Rheims, encerrando aquela fase crítica da história da França. Pagou um alto preço – mas, pela tradição do GOM, ela não sofreu o suplício do fogo, tendo sido colocada em seu lugar uma criação psico-mental virtual (um *tulku*), ficando ela mesma a salvo, recolhida aos Mundos Interiores. Uma lenda da tradição oral popular vem passando de geração em geração, dando conta de que, na hora do sacrifício na fogueira, uma pomba branca saiu da boca de Joana e seu coração foi encontrado intacto entre as cinzas do corpo.

Na linha da ascensão feminina, é significativa a tendência das navegações portuguesas de se dirigirem logo para o sul, cruzando a linha do Equador, enquanto os espanhóis tentaram chegar às Índias sem sair do hemisfério norte. Astrologicamente, o hemisfério sul tem tônica feminina, polarizando com a tônica masculina do hemisfério norte.

O MISTÉRIO DAS PLÊIADES NA ASCENSÃO FEMININA

O aglomerado das Plêiades, na constelação zodiacal do Touro, era, para muitos povos do hemisfério norte, avistado mais ao sul, havendo uma época do ano em que desaparecia abaixo do horizonte, nessa direção. No terceiro milênio antes de Cristo, o reaparecimento anual das Plêiades acima do horizonte, em abril/maio, marcava o início da primavera. Na Ásia central, para os turcos, quando elas se tornavam visíveis depois do pôr do sol, em setembro/outubro, era o anúncio da proximidade do inverno. Gentes dos montes Altai diziam que no centro desse grupo de estrelas encontra-se um buraco na abóbada celeste, sendo por aí que vem o frio. O significado das Plêiades tinha relação direta com as épocas de plantio e colheita. No antigo Peru, entre os incas,

eram veneradas como divindades, patronas da agricultura e protetoras do milho, ao qual faziam crescer.

A mais brilhante das Plêiades – todas visíveis a olho nu – é Alcíone, nome que significa “a paz”. Segundo o **“Dicionário de Símbolos”**, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (Editora José Olympio – Rio de Janeiro, 1982), muitos astrólogos antigos e modernos a consideraram como sendo o sol central de nossa galáxia. Os babilônios chamavam-na *Temennu*, a Pedra Fundamental.

Popularmente elas são chamadas, no Brasil, de “As Sete Cabrinhas”, “As Sete Irmãs” e “O Sete-Estrelo”. Sua índole feminina aparece portanto em toda a mitologia e nomenclatura. De um ou de outro modo, são relacionadas com o poder gerador, regenerador e nutridor do princípio feminino. Na astronomia hindu, têm o nome de Krittikas e são as sete nutrizes (amas-de-leite) de Karttikeya, deus da guerra, idêntico a Marte. Este mito indica a natureza ambivalente da figura da mãe, capaz de sustentar tanto o santo quanto o guerreiro.

No **“Glossário Teosófico”**, assinala Blavatsky que as Plêiades estão relacionadas com os maiores mistérios do Ocultismo e completam os mais secretos símbolos astronômicos e religiosos. Para Henrique José de Souza, elas representam o centro espiritual de toda a massa de estrelas em circulação na nossa Galáxia.

Um outro grupo de estrelas, também muito festejado por todos os povos, são as Três Marias (Três Irmãs), tidas como sendo o Cinturão de Orion, na grande constelação que tem esse nome e por ser equatorial é sempre vista na direção sul, para quem está no hemisfério norte. Blavatsky identifica Orion, o gigante caçador {da mitologia grega} que emprestou o nome à constelação, com o titã Atlas, que sustenta a abóbada celeste (ou o próprio mundo) nos ombros.

Na Antiguidade, as Três Marias eram também chamadas de o Cajado. Entre os gregos, sendo um belo e másculo caçador, Orion sempre esteve envolvido em conflitos por causa de seu interesse por mulheres, tendo uma vez tentado violentar a própria deusa Diana (Artemis). Para castigá-lo, a deusa enviou um escorpião que o picou e o matou. Mas em outra versão, o escorpião não conseguiu ferir Orion, que sempre foge, tanto que, por suas respectivas posições no céu, quando o aracnídeo vai surgindo de um lado, o caçador vai desaparecendo pelo lado oposto. O fato de as Três Irmãs representarem seu cinturão ou seu cajado, símbolos da masculinidade, parece sinalizar para a realidade transcendental de que o feminino sustenta o masculino.

Talvez nada seja mais significativo da discriminação contra as mulheres e da reação machista contra os primeiros movimentos de ascensão delas, nestes 150 anos, do que o episódio atualmente evocado no Dia Internacional da Mulher. Nos Estados Unidos da América do Norte, no dia 8 de março de 1857, 129 operárias de uma fábrica de tecidos de Nova Iorque entraram em greve. Queriam salários iguais aos dos homens e redução da jornada de trabalho (que chegava a 16 horas). Os patrões trancaram as portas, com as grevistas dentro, e incendiaram a fábrica, matando a maioria das operárias.

É significativo que a implantação da Teosofia em nível mundial, iniciada por Blavatsky em 1875 nos Estados Unidos, tenha marcado o início da ascensão do elemento feminino no meio social, cultural e político. A Sociedade Teosófica talvez seja a primeira escola de iniciação a ser presidida por mulheres, além de homens. Blavatsky foi sucedida por Annie Besant e a presidência da ST é ocupada atualmente pela indiana Radha Burnier.

Alexandra David-Neel (1868-1969) foi a primeira mulher não tibetana a ser recebida pelo Dalai Lama, líder político religioso do Tibete. Nascida na Bélgica e fascinada pelo budismo, aprendeu o sânscrito. Tendo recebido uma pequena herança em 1890, percorreu a pé a África do norte. Casou-se com Philippe Neel na Tunísia, mas suas viagens a mantinham sempre longe do marido. Passou pelo Ceilão e cruzou a Índia em 1912. Chegou a vestir-se de homem para poder presenciar rituais proibidos. Em 1924, chegou a Lhassa, capital do Tibete, ao cabo de oito meses de caminhada pelas montanhas cobertas de neve. Na época tinha 56 anos. Alguns a consideravam louca, enquanto outros a respeitavam como possuidora de dons paranormais. Morreu aos 101 anos, ainda revisando as provas de um livro. Escreveu 27 obras acerca de seus estudos e aventuras pelo Oriente. Em português, já foram editados "**Tibete, Magia e Mistério**" e "**Iniciações Tibetanas**". Sua importância no estudo do budismo tibetano é universalmente reconhecida.

Alexandra David-Neel e Helena Blavatsky foram contemporâneas da Rainha Vitória (1819-1901), da Inglaterra, país que, com Elisabeth I, séculos antes, tinha aberto o caminho para o exercício do poder político objetivo por uma mulher, nos começos da era moderna. Sem ser uma rainha no sentido pleno (de conformidade, aliás, com a monarquia parlamentar britânica), Vitória exerceu plenamente sua prerrogativa de ser ouvida em questões de política externa e durante décadas sua forte personalidade foi emblema do império britânico.

Uma súdita da Rainha Vitória, Florence Nightingale (1820-1910) mudou o panorama da guerra, com seu pioneirismo de tónica eminentemente feminina, lançando a figura da mulher nos campos de batalha como enfermeira. Em meados do século XIX ela tomou a decisão, incomum para a época, ainda mais por se tratar de pessoa de família rica, de estudar enfermagem (em Paris e na Prússia). Na guerra da Criméia (1853-56), envolvendo turcos e russos de um lado, ingleses e franceses (depois, italianos) do outro, Florence levou 30 enfermeiras para atender os feridos em combate. A "Dama da Lâmpada", como ela ficou conhecida por procurar, à noite, os combatentes caídos na batalha, tornou-se um símbolo de conforto e compaixão. Ela voltou para Inglaterra em 1856 com a saúde arruinada, mas passou o restante de sua longa vida trabalhando pela formação de enfermeiras.

Na guerra do Paraguai (1864-1870), a brasileira Ana Néry também marcou a presença feminina pelo socorro aos feridos nas sangrentas batalhas travadas entre brasileiros, argentinos e uruguaios, de um lado, e paraguaios do outro. Para a mentalidade da época, a presença, na guerra, dessa mulher de família ilustre, justificava-se pelo fato de, inicialmente, ter ido acompanhando seus três filhos, Justino, Isidoro Antônio e Pedro Antônio.

Uma impressionante figura feminina do início do Século XIX foi a revolucionária Rosa Luxemburgo (1870-1919), russo-polonesa por nascimento e alemã por casamento. Depois da Primeira Guerra Mundial, ela exerceu uma forte liderança sobre os social-democratas da República formada na Alemanha após a queda do regime imperial, e mesmo sendo moderada do ponto de vista dos extremistas do movimento comunista internacional, foi presa e barbaramente assassinada por oficiais alemães.

Também grande revolucionária foi Maria Quitéria, brasileira nascida em Feira de Santana, na Bahia, em 1792. Na Guerra da Independência, em 1822-23, Maria Quitéria, sertaneja de família modesta, tornou-se uma lenda viva ao entrar na briga do lado brasileiro. Tendo fugido de casa com as roupas do cunhado, assumiu o nome dele, alistou-se na artilharia e só depois de identificada como mulher passou para uma arma menos pesada, a infantaria. Quitéria participou diretamente de muitos combates e acabou organizando um batalhão de mulheres que, reforçadas por moradores, obstaram uma investida da força portuguesa na Ilha de Itaparica. Em 1823, com 31 anos de idade, já famosa, veio ao Rio de Janeiro para ser condecorada no grau de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro pelo Imperador D. Pedro I, que a promoveu a alferes de linha (posto imediatamente inferior ao de tenente). Nessa ocasião, ela impressionou a corte por suas maneiras femininas sob o traje militar masculino.

Outra notável guerreira brasileira foi Anita Garibaldi, que se tornou protagonista da História no Brasil e na Itália. Nascida Anita de Jesus Ribeiro, em Santa Catarina, 1819, casou-se aos 16 anos com um sapateiro de sua terra, mas logo se uniria a Giuseppe Garibaldi, o revolucionário italiano refugiado no Brasil e que aderiu à Revolução Farroupilha. Após a morte do marido, Anita casou-se com Giuseppe, indo morar com ele no Uruguai, país para o qual o italiano passou a trabalhar defendendo Montevideu contra os argentinos. Anita estava com 28 anos e Giuseppe com 41 quando ela, levando três filhos, o acompanhou no regresso dele à Itália, que estava em luta pela independência e a unificação. Ao lado do marido na defesa da República de Roma contra os franceses, Anita contraiu tifo e morreu em 1849, antes de completar 30 anos de idade. No contexto de sua época, como esposa, mãe e guerreira, Anita Garibaldi foi uma maravilhosamente completa figura de mulher.

Ao longo da História, desde a Antiguidade, não são muitos os exemplos de governantes femininos efetivos. Um dos mais notáveis é o da rainha Hatshepsut, que há mais de três milênios, para se manter no trono do Egito, usava uma barba postiça como a dos faraós. Outra rainha egípcia, Cleópatra, de origem grega, algumas décadas antes da Era Cristã recorreu a outro tipo de referência masculina, sem a qual a mentalidade machista não reconheceria o poder absoluto de um mulher: em vez de barba de mentira, usava amantes de verdade e ficou na História por se manter no trono recorrendo à beleza e ao poder de sedução. Teve um filho do ditador romano Júlio César e depois foi amásia do chefe dos exércitos romanos no Oriente, Marco Antônio. Quanto este se viu derrotado e se suicidou, ela, sem um poder masculino para garanti-la, suicidou-se também.

Um dramático e ao mesmo tempo grotesco exemplo histórico da situação de inferioridade imposta à mulher é a figura da Papisa Joana. Até hoje corre entre os meios eruditos uma polêmica sobre se é real ou lendária a existência deste personagem feminino que, entre os séculos XII e XIII, subiu ao pontificado, mas não como uma mulher e sim como um travesti feminino. A pessoa que ficou na memória popular como sendo a Papisa teria feito toda uma carreira eclesiástica, disfarçada de homem. Certamente era uma personalidade de valor, tendo alcançado o cardinalato e finalmente subido ao trono pontifício. A julgar pela versão corrente até hoje, esta Joana, ao se tornar Papa, era ainda jovem o bastante para engravidar. Sua condição feminina foi descoberta quando, certo dia, por ocasião de uma cerimônia tradicional onde o Papa anualmente liderava uma procissão de longa distância pelas ruas de Roma, ela começou a sentir dores e deu à luz ali mesmo. Nos registros do Vaticano, não há qualquer referência a nada disto e a Papisa não passa de uma boataria sem fundamento.

No Século XX, no Ocidente, sucessivas conquistas foram equiparando a situação das mulheres à dos homens. Nas democracias de moldes ocidentais, elas ganharam o direito de voto e acessaram profissões tidas como exclusivas dos homens. Madame Curie introduziu definitivamente a figura feminina no campo científico. E as mulheres começaram a assumir funções políticas.

Como chefes de grandes governos, Golda Meir, Indira Gandhi, Isabelita Perón e Margareth Thatcher são figuras que, polêmicas ou não, com ou sem referencial de base masculina mais ou menos explícita (algumas eram filhas ou esposas de líderes), foram afirmando a presença feminina na esfera do poder institucional. Até mesmo no mundo muçulmano, onde o lugar secundário destinado à mulher tem raízes mais profundas nos costumes e na crença religiosa, houve espaço para Benazir Buto no governo do Paquistão. Não deixou de ser um notável exemplo de ascensão feminina em um meio islamita, muito embora a ainda jovem e bela Benazir tivesse crescido politicamente à sombra do pai Zulficar Ali Buto, executado em 1979.

No Brasil, marcou época a eleição, no início da década de 80, de uma mulher, Maria Luísa Fontenele, para governar uma capital de Estado: ela foi eleita prefeita de Fortaleza, Ceará. Uma década mais tarde, já em plenos anos 90, Roseana Sarney foi a primeira mulher no País a ocupar cargo executivo e eletivo de primeiro nível, como governadora do Estado do Maranhão. Já anteriormente os eleitores maranhenses haviam colocado outra mulher no poder: Gardênia Gonçalves, que em meados dos anos 80 subira à prefeitura da capital, São Luís. Gardênia, esposa do ex-governador João Castelo, se notabilizaria ainda mais ao se tornar a primeira postulante ao poder em nível presidencial, como vice-presidente escolhida para a chapa do candidato à Presidência da República, Esperidião Amin, em 1994.

No panorama da ascensão feminina sobressai a figura de Luiza Erundina, que na década de 80, sem referencial de casamento ou outro apoio institucional masculino, governou a maior cidade do País e a terceira mais populosa do mundo, São Paulo. Erundina se fez politicamente sem o referencial masculino de um marido. O mesmo pode ser dito de outra notável personagem da política paulista, Marta Suplicy, que

ganhou projeção nacional primeiramente como sexóloga, independente da importância do marido, senador Eduardo Suplicy.

Não apenas na política tem sido notável a ascensão feminina, mas também no ambiente literário. Até o início da segunda metade do Século XX, as escritoras brasileiras tinham pequeno reconhecimento formal. Só com a eleição de Raquel de Queiroz para a Academia Brasileira de Letras (1977) isso começou a mudar. Depois vieram Lygia Fagundes Telles e Nélida Piñon. Em diferentes níveis, Cecília Meireles, Cora Coralina e Adélia Prado “invadiram”, por assim dizer, um campo até então de quase completa exclusividade masculina, a autoria e publicação de obras poéticas.

No ambiente da cultura e das artes, é notável também o primeiro reconhecimento de uma mulher no Brasil, e uma das primeiras no mundo, como grande pintora, na pessoa de Tarsila do Amaral. Artista plástica radicada em São Paulo nas décadas iniciais do Século XX, quando a cidade se modernizava aceleradamente, Tarsila notabilizou-se pela pintura de temática brasileira, centrada em motivos de nosso meio cultural e natural, e pelo temperamento tropical no tratamento da cor.

No meio esportivo, a tenista Maria Ester Bueno foi a primeira personalidade feminina a projetar ampla e duradouramente o nome do Brasil no cenário internacional, ganhando vários campeonatos e títulos na Europa e nos Estados Unidos, na década de 60.

Na questão da marcha evolucionar para um equilíbrio entre as tónicas feminina e masculina, é importante compreender que Helena Blavatsky foi o primeiro avatar integral feminino. Joana d’Arc, por exemplo, foi, como já se viu, uma manifestação avatárica, mas não no sentido pleno da palavra. Os avatares propriamente ditos são mestres (as), instrutores (as) e condutores (as) da Humanidade como um todo.

Na Antiguidade, houve outra figura feminina reconhecida como um grande avatara, a Sibila de Cumes. Mas é um vulto que hoje só pode ser entrevisto na região fronteira entre a História e a Lenda, tendendo mais para esta. E além disso, sua atuação se caracterizava pelo exercício de faculdades e artes ligadas à intuição, à clarividência e à adivinhação, atividades paralelas à ação diretamente social, cultural, política e até guerreira que, de um modo ou de outro, tem marcado a trajetória dos avatares masculinos.

A fundadora da Teosofia foi uma mulher que não precisou usar barba postiça como a rainha egípcia Hatshepsut, nem roupa e nome de homem como a Joana d’Arc ou outra francesa, a escritora George Sand (no século XIX); nem se abrigar de algum modo à sombra de uma personalidade masculina, para realizar sua imensa obra. Até certo ponto, Helena Blavatsky inverteu os pesos na balança da polaridade entre os sexos, tendo o americano Henry Steel Olcott como seu maior auxiliar.

A Tradição esotérica indica que os grandes trabalhos na escala macro da evolução humana são cumpridos por casais. Isto é válido, aliás, em todos os níveis, na esfera do sagrado como do mundano, assumindo as mais diferentes configurações. Mas em

todas elas o homem sempre ou quase sempre se colocou como o elemento dominante e senhor das iniciativas, ficando a mulher como “uma auxiliadora idônea”, conforme consta de antigas versões da Bíblia.

No plano mundano, tem havido exceções notáveis, como a tzarina de todas as Rússias, Catarina a Grande. Austríaca de nascimento, ela casou-se com o herdeiro do trono russo, no Século XVIII. Quando ele se tornou czar, provou ser um fraco e Catarina, tendo subido ao poder por obra do casamento, tradicional condição para a ascensão feminina, mostrou sua personalidade implacavelmente dominadora: depôs o marido, assumiu diretamente o governo e tornou-se por longo tempo uma notável imperatriz. Portanto, mesmo neste caso, a fonte original do poder, depois subvertida, foi masculina.

Em 1777, Dona Maria I assumiu o trono português e foi no seu governo que, onze anos depois, Tiradentes sofreu a pena capital, tendo a rainha lhe recusado clemência. Mas coube a uma outra mulher, a Princesa Isabel, assinar a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil.

O usual, historicamente, tem sido a mulher permanecer em segundo plano, à sombra do protagonista masculino, mesmo quando ela também sobe à notoriedade. Mas o verdadeiro papel dela nos grandes acontecimentos, na longa fase de submissão feminina, ainda está para ser estudado e compreendido. O faraó Akhenaton ou Khunaton (reinou de 1386 a 1370 a.C.), que tentou implantar o monoteísmo, teve por contraparte a esposa Nefertiti, uma das mais lindas mulheres da História (a palavra *nefer*, na antiga língua egípcia, significa *bela*). Ela foi a inspiradora e, em muitos aspectos, a mentora do marido, que é considerado como sendo o fundador da Maçonaria antiga (Maçonaria dos Três Mundos), originalmente mesclada com o que viria a ser, em separado, o movimento da Rosacruz (Rosacruz dos Andróginos).

Muitas vezes a parte feminina nem é mencionada. Pouco se sabe, por exemplo, do alcance do papel da esposa do patriarca Moisés na vida dele e na História. Mas sem dúvida o princípio feminino exerceu-se na trajetória do maior profeta judaico, até por ter sido uma mulher – a princesa egípcia que o tirou das águas do Nilo e o adotou – a fonte primeira de seu poder. Esta circunstância não pode deixar de ser vista, pelo menos numa discreta escala, como uma inversão do padrão “rotineiro”, onde a força objetiva provém do macho como ponto de partida.

Em outras configurações, o papel de contraparte nem cabe à esposa. Assim ocorreu com o compositor Tchaikowski, que foi inspirado – e subvencionado – por uma dama, Nadezhda Von Meck, que chegou a fazê-lo comprometer-se a não tentar conhecê-la pessoalmente.

Em outros casos, a presença da mulher é exclusivamente subjetiva sem deixar de ser determinante. Pode-se dizer assim de José de Anchieta, que, como um noviço ainda saindo da adolescência, prostrou-se diante da imagem da Virgem Maria, jurando-lhe devoção e dedicação eterna. Sem dúvida foi a Virgem a inspiradora do jesuíta, como

expressão do arquétipo junguiano (de C.G. Jung) da *Magna Mater* (afinal, o mesmo arquétipo universal da Deusa-Mãe ou Mãe Divina).

FOHAT E KUNDALINI: UMA COSTELA DE EVA EM ADÃO

No Esoterismo antigo, a *Shakti* ou *Zakti* (sânscrito) é a energia feminina ativa dos seres divinos. No hinduísmo popular, são muitas as Shaktis, esposas dos deuses; deusas elas próprias. No Ocultismo, Shakti é a coroa da luz astral, reunindo as seis forças da Natureza sintetizadas, a Energia Universal. Esquemáticamente, podem enumerar-se assim:

- 1) a grande força, incluindo a luz e o calor;
- 2) o poder do intelecto, do conhecimento;
- 3) o poder da vontade;
- 4) o poder do pensamento criador (Kriya Shakti);
- 5) o princípio de vida universal (Kundalini), fogo serpentino (curvo e frio), eletricidade e magnetismo da Terra;
- 6) o poder das letras, da linguagem e da música.

Mas também, Shakti é, em resumo, a fase negativa de uma força qualquer. Se esta força é um deus, a Shakti vem a ser a fase ou polo negativo dele.

O importante é que sem ela não ocorre a bipolaridade, não se dá o fluxo de energia e consequentemente nada acontece no plano da ação, dos fatos e fenômenos - na evolução, em suma. Igualmente no nível humano: o elemento masculino necessita do elemento feminino funcionalmente presente, para poder exercer-se. E vice-versa.

Estamos aqui fazendo uma mescla conceitual da erudição ocultista com o entendimento popular sobre o tema da polaridade – ou, melhor dizendo, a bipolaridade desdobrada ao infinito no mundo manifestado, num processo semelhante ao descrito no, em relação à dinâmica dialética do número 7.

No entendimento corrente, o feminino, representando o pólo negativo, teria um papel auxiliar. Isto, porém, no fundo, não chega a ser um conceito, limitando-se na realidade a ser um preconceito. A própria informação de fonte esotérico-ocultista ajuda a clarear este ponto.

No conjunto, Shakti polariza com Fohat, termo que, segundo Blavatsky (“**Glosario Teosófico**”), representa “a potência ativa (masculina) de Shakti, que é a potência reprodutora feminina na Natureza”). Masculino e feminino estão dentro um do outro, indissolivelmente associados. Fohat é a essência da eletricidade cósmica ou luz primordial, a unidade que envolve todas as energias cósmicas, tanto no plano visível como no imanifestado – ou seja, na esfera das ideias. Shakti, aí chamada comumente e generalizadamente de Kundalini, engloba, na polarização com Fohat, todas as energias telúricas ou da Terra. Mas, como se vê pela anotação de Blavatsky, Fohat não existe sem Kundalini, sendo ambas as energias, afinal, reflexos recíprocos – a exem-

plo. aliás, do Eterno e do Supremo Arquiteto, representados nos dois triângulos que se entrelaçam na estrela de seis pontos ou Hexagrama.

Assim, o masculino e o feminino são fases um do outro, e só existem juntos. São igualmente importantes, cada qual com sua tônica. E é justamente a tônica que estabelece a famosa e apreciada “diferença” entre os sexos. A importância maior convencionalmente atribuída ao macho não passa de um subproduto do estágio de desenvolvimento cultural e espiritual das Civilizações do passado – e nem de todas, pois em várias (na maior parte totalmente esquecidas), o poder social e até o poder político pertencia às mulheres, no matriarcado.

Portanto, a participação do feminino é essencial em qualquer circunstância. A participação do masculino, também, mas não precisa ser “lembrada” como ocorre em relação ao feminino. A ascensão das mulheres corresponde à ativação da consciência humana - social, cultural, política - para a realidade de que os sexos se complementam indispensavelmente. No passado remoto, existiam antepassados do ser humano, hermafroditas, tendo no corpo os aparelhos sexuais do macho e da fêmea. Depois veio a separação física dos sexos, com uma variedade desdobramentos dos planos mental e psíquico. O hermafroditismo ou androginismo deve agora, segundo todas as indicações de fonte ocultista, reimplantar-se, só que não no nível físico, mas no mental/emocional. Isto é: macho e fêmea continuarão cada qual com seu aparelho genital. Mas a reintegração da unidade das tônicas feminina e masculina, refazendo-se subjetivamente no emocional, no psíquico e no mental, certamente terá repercussões objetivas na aparência física e no comportamento.

A idéia é que a mulher seja socialmente reconhecida na sua posição de igualdade com o homem, sem nada perder de seu poder inspirador, de sua ligação ao mesmo tempo visceral e espiritual com o mistério do Cosmos.

Estas expectativas têm tudo a ver com as imagens que se vêm formando em torno da figura do avatara Maitréia. Na Tradição, Maitréia virá como o mais integral dos avatares. Um dos significados de seu nome (sânscrito) é “senhor dos três mundos”: físico, psico-mental e mental-espiritual. Sendo um personagem-síntese, ele naturalmente deverá ser um andrógino no sentido contemporâneo, isto é, subjetivo. E como o androginismo subjetivo tem repercussões no físico, Maitréia geralmente é representado em concepções artísticas como um homem mesclando, na aparência, a masculinidade temperada por uma beleza de toque esteticamente feminino.

Também pelo lugar esperado como sendo o de seu nascimento, aparece a tônica feminina, sendo ele o primeiro avatara de Vishnu a vir à luz no Hemisfério Sul. E o Sul, astrologicamente, como já indicamos, se identifica mais com o aspecto feminino. Em suma: Maitréia deve vir como um homem (ou um movimento masculino) com toda a força interior da mulher.

Na Tradição ocultista, Vishnu, um dos deuses maiores do hinduísmo metafísico, ao lado de Brahma e Shiva, já teve nove encarnações, sendo Maitréia a décima. Vishnu manifesta-se no meio da Humanidade nas grandes mudanças de ciclo, sempre que se

dá a chegada de uma nova raça-mãe ou estado de consciência na escala macro. Suas nove encarnações anteriores ocorreram no hemisfério norte, principalmente na Ásia. Um de seus vários nomes é Kalki-Avatar (o Avatar do Cavalo Branco).

Existe ainda a expectativa de que ele seja não um indivíduo, uma pessoa única, e sim uma consciência ativada em muita gente, numa liderança social, cultural, política e até financeira - sobretudo, espiritual.

Esta expectativa nasce da situação do mundo em geral, por não se terem ainda realizado as esperanças universais de paz, fraternidade, prosperidade e saúde, as quais nasceram com o Século XX. E este termina sem as mesmas se realizarem - às vezes parecendo, aliás, cada vez mais distantes. Cria-se assim a ansiedade por uma mudança que teria de ser radical e profunda. Daí dizer-se que Maitréia vem imbuído do amor pela Humanidade e da missão de corrigir distorções e desvios nos rumos da Evolução. Sua índole é, portanto, dupla, ao mesmo tempo amorosa no sentimento e rigorosa na ação.

A mulher, pela própria base biológica, como dona do ninho e centro do núcleo familiar, muito geralmente tem sociabilidade mais desenvolvida que a do homem. Sendo Maitréia o avatara em quem mais ativada está a consciência social, no sentido moderno, vem daí também a tonificação de seu lado feminino.

SEM CATÁSTROFE NAS TERRAS MAIS SADIAS

O anseio pela transformação necessária gera o temor correspondente, em relação às ações radicais e rigorosas que a consciência de Maitréia pode ensejar ou empreender. Essa consciência vibra no plano objetivo, como no subjetivo.

A presente instabilidade do clima e da crosta da Terra, com a multiplicação de furacões e terremotos excepcionalmente fortes, é contrabalançada pela confiança de que, nas Terras Sagradas, os cataclismos naturais não se farão tão presentes. Contudo, há outras indicações, de que as maiores catástrofes desta passagem interciclos poderiam ser de natureza social: crise econômica, desorganização da produção, onda de violência criminal e terrorista, caos político. Os fatores do desequilíbrio ecológico, agravados pela depredação ambiental, eventualmente se combinariam com a conjuntura social para precipitar e aprofundar as mudanças. E por ser o mundo, hoje, uma crescente globalidade, nenhum país estaria totalmente a coberto. Mas alguns - admite-se - sofrerão bem mais do que os outros, o que, aliás, em escala, já ocorre.

É extremamente difícil estabelecer um paralelo entre as expectativas do Ocultismo clássico e as situações objetivas no mundo e no meio humano. Os estudiosos e praticantes da metafísica orientalista ou do Esoterismo modernizado estão longe de uma unanimidade quando se trata de interpretar a correspondência entre profecias e fatos.

Entre os esoteristas atuais, predomina o sentimento da iminência de uma catástrofe planetária. Mas há também otimistas, que veem na própria vinda de Maitréia um an-

tídoto do envenenamento espiritual, ecológico, social e cultural que cria o condicionamento catastrófico.

Como já assinalamos, Henrique José de Souza deixou um legado espiritual marcado pela expectativa de que o trauma da transformação seja minimizado. De seus ensinamentos se depreende a perspectiva de que o sofrimento pelo qual a Humanidade está passando é inevitável, mas não chegará a assumir as proporções de uma hecatombe planetária como a da Atlântida. Para isto trabalhou H.J.S. a vida toda, ao lado de sua esposa e companheira de missão, Helena Jefferson de Souza.

Este casal de mestres fundou e estruturou a Eubiose. A partir da morte de H.J.S. em 1963, Dona Helena assumiu a presidência da então Sociedade Teosófica Brasileira por seis anos, até que o primogênito de ambos, Hélio Jefferson de Souza, a sucedesse em 1969. Nessa ocasião o nome do movimento mudou para Sociedade Brasileira de Eubiose, completando, no entender dos eubiótas, o processo de "ocidentalização" da tradição do Graal e de centralização da mesma no Brasil. O ramo propriamente esotérico da Eubiose é a Ordem do Santo Graal, com sede em São Lourenço, Minas Gerais.

No ano 2000, Dona Helena completou 93 anos de idade. Ela vai deixando entre os discípulos uma bagagem de amor e sabedoria que exemplifica perfeitamente a tônica feminina, sem que lhe tenha faltado a capacidade de ação necessária para a sustentação do trabalho após a morte do marido.

Havendo a perspectiva de que a futura e iminente atuação de Maitreia tenha por centro o Brasil, ganha força a imagem deste País como uma grande Terra Sagrada do futuro imediato, relativamente defendida de um possível colapso de âmbito planetário, temido pela maioria e ansiado por muitos.